

O besteiro continua

O Brasil de 2015 afirmou seu compromisso com aquele Festival de Besteiras que Assola o País – sem trégua, desde os anos 60

POR ALBERTO VILLAS*

O BRASIL ERA OUTRO país naquele 1966, quando veio ao mundo, por obra e graça de Stanislaw Ponte Preta, o Sérgio Porto, O Festival de Besteiras Que Assola o Brasil. O presidente da República era um marechal, a ditadura engatinhava, o Ato Institucional ainda estava no número 3 e a Seleção Canarinho de Vicente Feola dava vexame na Inglaterra, voltando para casa antes mesmo das oitavas de final.

O mundo também era outro. Mao Tsé-tung lançava a sua Revolução Cultural, considerada por muitos, um estranho negócio da China. A cidade de Florença estava debaixo d'água, os negros americanos brigavam com os brancos nas ruas e nós, pobres terráqueos, recebíamos as primeiras fotografias mais nítidas da Lua.

Quem acha que o festival de besteiras sempre existiu no Brasil, está “absolutamente certo”, como dizia o apresentador J. Silvestre no seu programa *O Céu É o Limite*, um sucesso de público e crítica.

Stanislaw começou a coletar besteiras nos quatro cantos do País e, quando viu, tinha um livro nas mãos. Depois outro e um terceiro. Não teve mais porque ele morreu de infarto fulminante em 1968, o ano que não terminou.

A primeira besteira registrada por ele foi a história de uma senhora quando soube que o filho, mesmo não sabendo quanto era 2 mais 2, tirara nota zero numa prova de matemática. Ela foi até



Stanislaw ria das cororocas que desfilaram pela ditadura. Elas ainda estão ativas

ESTADÃO CONTEÚDO, ISTOCKPHOTO, SHUTTERSTOCK E MARCO AMBRÓSIO/ESTADÃO CONTEÚDO



O HUMOR em TEMPOS de CÓLERA

as autoridades máximas e denunciou o professor como um perigoso comunista.

Outras besteiras vieram e foram sendo registradas por Stanislaw. O jornalista social Ibraim Sued estreando na televisão e anunciando que estaria ali “diariamente às terças e quintas”, o prefeito da cidade mineira de Mariana proibindo homem e mulher de sentarem lado a lado na pracinha principal, enquanto o prefeito de Belo Horizonte proibia o beijo em público e o de Ouro Preto acabava com as serenatas.

Outras besteiras vieram naquele 1966. O deputado Geraldo Ferraz, por exemplo, queria instituir no País o Dia do Pobre. Já imaginou uma pessoa dando os parabéns a um pobre pelo seu dia?

Mas a história que marcou aquele ano que acabou, foi a do deputado Alcides Teixeira, no Recife. Quem buzinasse na zona de silêncio receberia uma multa de 50 cruzeiros. Era lei. O deputado buzinou e foi flagrado por um guarda de trânsito, que lhe cobrou os cinqüentinha. O deputado disse que tinha apenas uma nota de 200 cruzeiros e o guarda retrucou que não tinha troco. O deputado não pensou duas vezes e disse: “Então eu tenho direito a mais três buzinas”. E buzinou três vezes em frente ao hospital.

No Brasil de hoje, besteiras continuam assolando o País e, com a ajuda das redes sociais, elas espalham-se numa velocidade estonteante. Em poucos minutos o Brasil inteiro já está sabendo da novidade, nem é preciso mais reunir em livro. *CartaCapital* selecionou algumas, só para refrescar a memória deste 2015, que, se tudo correr bem – ou errado – vai certamente acabar.

Os veículos de massa se atolam nas tolices que eles próprios criam. As redes sociais as amplificam

Presente de Deus

Eduardo Cunha, o evangélico presidente na corda bamba da Câmara dos Deputados, já que o dinheiro estava sobrando, resolveu comprar uma frota de carrões. Adquiriu um Porsche Cayenne S, ano 2013, avaliado em 429 mil reais e, em seguida, um Ford Edge V6 e um terceiro, um Ford Fusion. São três carrões que só de a gente pensar, ele já partiu a mais de 120 por hora. Mas nada de registrar os bólidos em seu nome ou no da sua mulher, a ex-apresentadora global Cláudia Cruz, aquela que está sempre de olhos arregalados, um aqui, outro na Suíça. Os carros foram registrados em nome de Jesus. Mais precisamente Jesus.com, uma das empresas de Cunha. Resumindo: os carrões de Cunha caíram do céu.



Ford Edge (2013)	
Velocidade máxima	180km/h
Potência	289cv
0-100km/h	9,5s
Motor	V6 3.5
Preço	R\$ 120.165



Utilitário esportivo

Porsche Cayenne S (2013)

Velocidade máxima

Potência

0-100km/h

Motor

Preço

283km/h

550cv

4,5s

V8 4.8

R\$ 429.478



Fusion 4WD (2013)	
Velocidade máxima	195km/h
Potência	240cv
0-100km/h	7,7s
Motor	4-L 2.0 turbo
Preço	R\$ 92.683

O Oscar vai para...

São Paulo viveu e ainda vive nos dias de hoje uma penúria de água. Nos bairros da periferia vimos a volta da famosa lata d'água na cabeça e nos bairros mais nobres, piscinas vazias, sequinhas da silva. Os lava-jatos (lugares onde se lavam automóveis) logo se arvoraram em colocar plaquinhas “lavagem a seco” e os prédios anunciavam em suas grades: “Utilizamos água de reúso”. Alguém lavar calçadas ou molhar jardins era como se tivesse cometendo um crime. O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, apareceu várias vezes na televisão para negar que São Paulo estivesse com problema hídrico, o nome que a imprensa arrumou para a famosa falta d'água e para

amenizar a barra do governador. Governador que teve a agradável surpresa de ser agraciado com um prêmio. Voou a Brasília para receber o troféu da Câmara dos Deputados pelo seu trabalho à frente da Sabesp e da Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos. Ao receber o mimo, o governador disse: “Modéstia à parte, é merecido. São Paulo hoje é um modelo para o Brasil do ponto de vista de recursos hídricos”. E o paulista teve de engolir em seco.

A mídia amiga chamou a falta de banho de “crise hídrica”



Palhaçada

Era sexta-feira, numa pracinha no Centro da cidade de Cascavel, no Paraná, quando Tico Bonito, o palhaço Leônides Quadra, se apresentava no Festival de Teatro. Ao ver alguns policiais de Beto Richa aproximando-se, Tico Bonito soltou a primeira piada: "Lá vem os palhaços do governador". Os soldados consideraram a piada de mau gosto, subiram no palco improvisado, já prontos para levar o palhaço para a cadeia, por desacato. Tico Bonito resistiu e a confusão foi formada. O público começou a xingar, as crianças começaram a chorar e os mais radicais a vaiar. Como Tico Bonito resistia em entrar no camburão, em poucos minutos três viaturas da polícia chegaram e o circo foi armado. Prende, não prende, acabaram prendendo. O palhaço foi levado numa das viaturas, com alguns arranhões provocados pelos sa-fanões dos policiais. Na delegacia, o palhaço teve de se explicar e assinar um Termo Circunstanciado. O festival continuou sem Tico Bonito e o público foi unânime em dizer que tudo não passou de uma grande palhaçada da polícia de Beto Richa.



MARCHA LENTA

Depois de ver milhões de pessoas nas ruas pedindo o *impeachment* da presidenta Dilma, o jovem Kim Kataguiri, da ala jovem do Movimento Brasil Livre, sentiu uma coceira. Sonhou em marchar até Brasília para protocolar um pedido de afastamento de Dilma Rousseff, eleita pelo povo. Convocou Deus e o mundo, mas na verdade só apareceram 22 pessoas naquela tarde de abril na verdejante Praça Panamericana, em São Paulo, local marcado para o pontapé inicial da grande marcha. Mas mesmo assim Kim seguiu adiante e partiu rumo a Brasília pela BR-060. Claro que não foi a pé, andava uns trechos e, como ninguém é de ferro, pegava umas caronas automotivas. No meio do caminho, perto de Alexânia, uma batida entre uma S-10 e um Corsa acabou acertando Kim e outra militante do MBL, Amanda Kailayne. Levemente feridos chegaram em Brasília e, depois de muito esforço, conseguiram entregar a ninguém menos que Eduardo Cunha o pedido de *impeachment* para ser protocolado. Fizeram uma foto oficial, todos com o dedo indicador fazendo um I de *impeachment*, e não se falou mais nisso.

Erramos

Se juntarmos todos os Erramos que o jornal **Folha de S. Paulo** publicou neste 2015, daria um livro. Logo nos primeiros dias do ano estava lá, na **página 3** do jornal paulista: "Getúlio Vargas suicidou-se, e não foi assassinado, como informou incorretamente o texto 'Getúlio compõe imagem do estadista que marcou o Brasil', de Inácio Araújo". Com o ano quase acabando, a **Folha** pediu desculpas aos seus leitores: "Diferentemente do publicado na coluna 'Só enxerga quem sabe ver', a final da Copa do Brasil entre Corinthians e Grêmio

aconteceu em 2001, não em 2000; o jogo foi no Morumbi, não no Pacaembu; e o placar foi 3 a 1 para o Grêmio, não 2 a 0". O roteirista Mário Viana comentou no Facebook: "O resto está tudo certinho". Mas o Erramos histórico deste ano foi o seguinte: "Diferentemente do que foi informado no texto 'A rainha britop', de Silvio Cioffi, Elizabeth II não é chefe de Estado do Paquistão nem da África do Sul (embora esses países integrem a Commonwealth). A atual monarquia inglesa remonta ao século XI, com o rei William I

(1066-1087), e não ao século X, como se afirma na reportagem. No quadro que acompanhou o texto, sob o ano de 1926, informava-se erroneamente que a rainha é sobrinha de George V. No texto referente ao ano de 1936 informou-se que 'seu tio' Eduardo VII abdicou da coroa. Quem abdicou foi Eduardo VIII. Nas informações do ano de 2015, o príncipe George é citado como neto de Elizabeth II, mas ele é bisneto da rainha". Como disse Viana, um dos roteiristas da novela *Simplesmente Demais*, "o resto está tudo certinho".



O HUMOR em TEMPOS de CÓLERA

O MAR NÃO ESTÁ PRA PEIXE

Imagine o que é cuidar de mais de 10 mil peixes. Foi o que aconteceu com a Anambi, uma empresa que venceu uma licitação de 5,2 milhões de reais para cuidar dos animais, alguns trazidos da África, da Ásia e da Oceania. Como peixe vivo não pode viver fora da água fria, a empresa teve de se virar para não deixar que nenhum morresse, antes da inauguração do Aquário Pantanal, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, prevista para 2014, uma obra de 170 milhões de reais. As obras do "maior aquário de água doce do mundo", cartão-postal do ex-governador André Puccinelli, do PMDB, foram atrasando, atrasando e os peixes morrendo, um a um. As mortes, segundo a Anambi, ocorreram durante o transporte, à queda de temperatura e a doenças. O Ministério Público está investigando, apurando responsabilidades. Sabe o que Puccinelli disse sobre tudo isso? Nada!

MIAMI VAI-SE!

Rodrigo Constantino é uma espécie de Lobão, só que não se atreve a cantar. O autor de *Esquerda Caviar*, daqueles livros que quando você larga não consegue mais pegar, encheu o saco do patropi e anunciou alto e bom tom que se mandaria para Miami. Chegou a postar uma fotografia nas redes sociais em que aparece segurando um cartaz: "Prefiro lavar privada em Miami a ser roubado pelo governo brasileiro". Depois de dizer muita merda por aqui no site da *Veja*, foi mesmo embora. Antes de partir, fez questão de avisar aos seus seguidores no site da revista:

"Se tudo der certo, estarei de volta, com mais experiência na bagagem, para ver uma oposição mais organizada e corajosa colocar os petistas no olho da rua em 2018". Ninguém sabe se



chegou a lavar privadas em Miami, mas só se tem notícia do susto que levou quando recebeu um recadinho da *Veja* dizendo que estava sumariamente despedido.

Que país é esse?

Se a mocinha do DataFolha ou do Ibope saísse às ruas para perguntar o que os brasileiros sabem sobre um país chamado Guiné Equatorial, voltaria com o tablet em branco. Isso durou até que o Carnaval 2015 chegou e todo mundo ficou sabendo pela televisão que país é esse, quando a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis entrou na avenida. Depois de receber um patrocínio de 10 milhões de reais para enaltecer a minúscula nação africana, formada por cinco ilhas e um território no continente, a Beija-Flor não quis saber se o presidente Teodoro Obiang é um ditador ou não. Se está no poder desde 1979 ou se, um dia quem sabe, vai passar a coroa para o filho, Teodorin. Afinal, era Carnaval e Carnaval são quatro dias de folia e brincadeira. O que se viu na avenida foi luxo só. A Guiné Equatorial, um país do tamanho do estado de Alagoas, é o terceiro maior produtor de petróleo da África, mas está no 144º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU. Resultado: A Beija-Flor levou o caneco e a dupla caipira Teodoro e Teodorin voltou para a Guiné Equatorial feliz da vida.



Vão pra Cuba!

Por falar em pastel, não vamos esquecer os coxinhas, que foram escalados para o papel principal no novo Festival de Besteiras Que Assola o País. Primeiro, vestiram uma camisa amarela da Fifa e foram para a rua protestar contra a corrupção. Dias depois, a casa da Fifa caiu, revelando que roubalheira era com eles mesmos. Depois cismaram em mandar para Cuba quem estivesse com uma camisa vermelha. "Vão pra Cuba!", berjavam eles a ple-nos pulmões. Baixaram a bola quando o papa Francisco anunciou sua viagem à ilha dos Castro.



Mal se recuperaram do susto, lá veio o presidente americano Barak Obama, apertando a mão do presidente Raúl, reabrindo as negociações com a ilha comunista e, inclusive, reabrindo a embaixada americana em Havana. Esqueceram Cuba e saíram com faixas dizendo que estavam do lado de Eduardo Cunha. Até serem descobertas suas contas escondidas na Suíça dos queijos, chocolates e canivetes maravilhosos. Sem contar que viraram, de uma hora para outra, nas redes sociais – e sem ganhar um tostão – os maiores garotos-propaganda das panelas Le Creuset.



Acabou em pizza



É comum, no Brasil, dizer que tudo acaba em pizza, mesmo que não acabe. Mas se há uma coisa que literalmente acabou em pizza neste ano foi a ideia estapafúrdia do deputado estadual tucano Marquinhos Palmerston, de São Paulo.

Ele apresentou um projeto de lei fixando o prazo máximo de 50 minutos (em dias úteis, é bom ressaltar) e 60 minutos (nos fins de semana e feriados, é bom lembrar) para que empresas de fast-food entreguem as pizzas, sanduíches e pratos encomendados pelos seus clientes, seja por telefone, seja por internet. Marquinhos justificou a sua ideia, se é que podemos considerar isso uma ideia, dizendo que passou pela experiência de pedir um sanduíche e esperar o entregador nada mais nada menos que 1

hora e 40 minutos. E completou: "Minha família ficou no limite da fome". Marquinhos é conhecido na Câmara não apenas pelo projeto que acabou em pizza. Foi ele que um dia esvaziou o quórum em pleno dia de semana e levou os colegas deputados para assistir ao seu casamento, numa praia lá no estado de Dorival Caymmi.

BABÁ BABY, BABÁ!

Muitos paraenses ficaram perplexos quando pegaram o *Jornal do Pará* e leram nos classificados: "Casal evangélico precisa adotar uma menina de 12 a 18 anos que resida, para cuidar de uma bebê de 1 ano, que possa morar e estudar, ele empresário e ela também". A notícia esquentou as redes sociais e acabou chegando até a juíza Claudine Rodrigues, que, sem se identificar, ligou para o casal e questionou se a vaga poderia ser preenchida por alguém maior de 18 anos. Ele respondeu: "De jeito nenhum!" Quem apareceu na delegacia para depor foi Israel Bahia, de 72 anos, amigo do casal, responsável pela publicação do anúncio. A confusão foi formada porque os evangélicos disseram que o texto não era bem aquele e quem se enganou foi o atendente dos classificados. E ainda ameaçaram processar o jornal.



American Boy

Que Silvio Santos, o todo-poderoso chefe do SBT, anda meio lelé da cuca, isso todo mundo sabe. Principalmente aqueles que assistem ao seu programa aos domingos e já o viram de calças arriadas em pleno palco. Depois de constranger uma colega do auditório, perguntando o que daria se cruzássemos um pica-pau com um quero-quero e fazê-la repetir várias vezes que o resultado seria um quero-pica, Silvio resolveu chatear Maisa, aquela menininha xodó do tio Silvio. Depois de dizer que o que estava cantando era muito ruim, não era música e ele teria vergonha de gravar, resolveu cutucar a apresentadora Xuxa Meneguel. Disse a ela claramente que, depois de ter se mudado para a Record, com aquele cabelinho curto, ela está parecendo um menino americano. Xuxa respondeu na semana seguinte ao abrir o seu programa: "Está no ar o programa do menino americano". Depois disso, SS, aquele que posou em Miami de bermuda, camisa florida, sapato e meia, não tocou mais no assunto.

BAD

Ninguém sabe que ideia foi essa de o empresário Joe Jackson vir comemorar os seus 87 anos no Brasil, mais precisamente em São Paulo. E comemorar em alto estilo, ao uma festança no Golf Club, ao custo de 600 mil reais e centenas de convidados. O velho Joe acabou virando notícia depois de visitar o Itaquerão e ganhar uma camisa personalizada do Corinthians. Até aí tudo bem. A coisa esquentou depois que Joe foi jantar e exagerou na caipirinha. E depois da caipirinha, empolgado, engoliu três comprimidos de Viagra de uma só vez. Só podia dar no que deu. Horas depois, ele foi parar no Hospital Albert Einstein com diagnóstico de acidente vascular cerebral isquêmico e um quadro de arritmia cardíaca, bem na hora da festa. Festa que, mesmo sem o aniversariante, aconteceu e teve a presença de celebridades como Pepê e Neném e um show particular da banda Fat Family. Depois de receber um marca-passos, Joe recebeu alta e voou imediatamente para o país de Tio Sam, sem saber quem era a Pepê, quem era a Neném e quem eram os membros da Fat Family.





O HUMOR em TEMPOS de CÓLERA

Deputado peitudo

Dizem que todo boato tem um fundo de verdade. Até agora, o deputado Gilmar Fernandes Quintanilha (DEM-RJ) não apareceu para desmentir a notícia que correu nas redes sociais. Segundo a lenda – ou não –, Quintanilha apresentou à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, um projeto que proíbe a comercialização e utilização de sutiã com bojo no Brasil. Ele argumenta que esse acessório promove o crime da propaganda enganosa, porque sugere que o busto da mulher seja proeminente e rígido,

o que muitas vezes não é verdade. Nas redes sociais circularam palavras do deputado, inclusive com aspas: “É deveras frustrante para o homem a desbotoar o sutiã e perceber o seio da sua desejada desabar abruptamente. Perdemos a excitação e somos abatidos pela frustração de termos sido enganados por este truque infame”. Se o deputado não for a plenário para desmentir tudo isso, o projeto vai continuar circulando nas redes sociais, na boca do povo, e corre o risco até mesmo de ser votado por seus colegas.



FESTA DE ARROMBA

O repórter Ulisses Campbell chegou à redação da revista *Veja Brasília* com uma bomba nas mãos, prestes a explodir. Sentou no computador e escreveu uma nota de 17 linhas que ganhou o título de “Celebração Estrelada”, publicada na *Vejinha* candanga no dia 14 de fevereiro. Nela, o repórter que tem nome de sopa americana, contou que a empresária Patrícia Farias estava sorrindo de orelha a orelha. Era ela quem estava organizando a festinha de Tiago, sobrinho do ex-presidente Lula, ao preço de 220 mil reais. Festinha é o modo de dizer, festança de arromba que ocorreria no Bufê Aeropark, lugar de gente fina. Deu detalhes: 180 crianças foram convidadas e o convite era nada mais nada menos que um iPad, mimo do aniversariante, e que nele tinha um vídeo de Leo Moura, lateral do Flamengo, convidando para a festa e convocando todos a praticar esporte. Campbell encerrou a nota dizendo que tudo isso foi pago cash, em dinheiro vivo, nada de cheque para deixar rastro ou contar história. A história contada pela *Vejinha Brasília* não terminou aí. Dias depois, no site, a revista pediu desculpas aos leitores, ao ex-presidente Lula e sua família por quaisquer transtornos que possa ter ocasionado, porque a nota era simplesmente furada, completamente errada. Bastava o repórter ter apurado quem era Tiago para ficar sabendo que Lula não tem nenhum sobrinho chamado Tiago.

ISTOCKPHOTO / AMAURI NEHN/BRAZIL
PHOTO PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO, P.SDB



SORRISO AMARELO

O deputado federal Fernando Francischini, conhecido como o Batman do Paraná, filiado a um partido chamado Solidariedade, foi demitido do cargo de secretário de Segurança Pública do Paraná e responde por improbidade administrativa. Levou um pé na bunda porque foi o responsável pela operação policial que deixou quase 200 pessoas feridas em seu estado, durante as manifestações de professores e alunos. Sumido da mídia, Francischini arranjou um jeitinho de voltar aos holofotes. Assim que soube da presença do príncipe japonês Akishino em Brasília, participando das comemorações de 120 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Japão, achou que era chegada a hora de voltar à cena. Confiante em seu inglês *the book is on the table*, improvisou numa folha de cartolina os dizeres “We want the impeachment of the (sic) presidente Dilma Rousseff because we hope Brazil becomes as honoured as Japan” e, em plena Câmara dos Deputados, assim que viu uma oportunidade, estendeu o cartaz para que o príncipe visse. E o príncipe viu. Akishino deu um sorriso amarelo e saiu à francesa, sem dizer uma palavra. Nem em japonês, nem em inglês, nem em português. Francischini não se intimidou. Nas redes sociais, ele desopilou o fígado: “Não aguentei, tive de falar para o príncipe do Japão que a situação na corrupção no Brasil está imoral”.

APERTEM OS CINTOS

Assim que assumiu o governo de Minas Gerais, Fernando Pimentel, do PT, percebeu que havia algo no ar, além dos aviões de carreira. Sim, os aviões utilizados pelo ex-governador tucano Aécio Neves. Baseado na Lei de Acesso à Informação, o jornal *Folha de S.Paulo* obteve do governo de Minas a relação dos 1.423 voos que o avião do estado fez entre janeiro de 2003 e março de 2010, todos eles solicitados por Aécio. Esmiuçando os planos de voo, verificou-se que Aécio, o mineiro mais carioca do pedaço, voou, somente para o Rio de Janeiro, 124 vezes. Na maioria, no fim de semana e, para espanto geral, às vésperas do Carnaval. Mas não foi só para o Rio que ele levantou voo. Foi também algumas vezes para Florianópolis, onde morava sua namorada na época, Letícia Weber, sua atual esposa. Na lista de passageiros foram encontrados nomes como o do apresentador global Luciano Huck, os atores José Wilker (morto este ano), Milton da Graça, o empresário Boni, o José Bonifácio Sobrinho, além dos cantores Sandy e Junior. Sem contar o empresário Roberto Civita, o todo-poderoso chefe da Abril, morto em 2013. Mas como no país do festival de besteiras perde-se o amigo, mas não se perde a piada, o site Sensacionalista disse que “ao colocar Sandy e Junior no avião Aécio vai responder processo por transportar drogas”



Descendo redondo

Anúncio de cerveja sempre foi metido a engraçadinho, cheio de mulher gostosa, sol, praia e muita alegria. Paro o Carnaval de 2015, a Skol rasgou a fantasia e espalhou nos principais pontos de ônibus das cidades um cartaz, dizendo: “Esqueci o ‘não’ em casa”. A publicitária Pri Ferrari e a jornalista Mila Alves, que não dormem no ponto, bateram os olhos naquele cartaz amarelo, espalharam a notícia nas redes sociais e a confusão foi formada. Em poucas horas, o Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária, o Conar, já tinha recebido 30 denúncias de consumidores que entenderam aquilo como apologia do estupro. A publicitária e a jornalista ainda fizeram questão de posar ao lado do cartaz “Esqueci o ‘não’ em casa”, só que acrescentaram “e trouxe o nunca”. Num piscar de olhos a foto espalhou pelas redes sociais. Com uma encrenca na mão e uma dor de cabeça, a Skol baixou a bola, garantiu que a ideia não era essa de apologia do estupro – claro –, mas rapidinho imprimiu um novo cartaz dizendo: “Não deu jogo, tire o time de campo”. E completou: “Neste Carnaval, respeite”. E o Carnaval desceu redondo.

Show do Milhão

A primeira vez que se falou na riqueza do ex-operário Luiz Inácio Lula da Silva foi naquele fatídico debate entre ele e o então caçador de marajás Fernando Collor de Mello, dono de uma afiliada da Rede Globo em Alagoas, que se mostrou perplexo naquele dia diante da telinha, ao vivo, afirmando que Lula possuía em casa um aparelho de som sofisticado que ele próprio não tinha condições financeiras de ter um

parecido. Passaram-se muitos anos, mas, entra ano, sai ano, os taxistas continuam jurando de pés juntos a cada passageiro que entra que o filho do Lula, Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, é dono do Grupo JBS/Friboi, o maior produtor mundial de carne bovina, por venda, com capital de mercado em 10 bilhões de dólares. Ninguém sabe de onde surgiu a fofoca, mas é seguramente o boato

mais longínquo da história do Brasil. Continua correndo à boca pequena que Lulinha não somente é dono da Friboi, mas também o feliz proprietário de um jatinho no valor de 50 milhões de dólares, o aparelho mais caro do Brasil, e de uma grande fazenda na Região Centro-Oeste, que, segundo os boateiros de plantão, trata-se de uma das maiores joias do agronegócio nacional.



O HUMOR em TEMPOS de CÓLERA



O terceiro sexo

Nunca antes na história deste país falou-se tanto em Simone de Beauvoir como naquela semana dos exames do Enem. Quando ela escreveu, em 1949, que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, quem poderia imaginar que o nome da filósofa existencialista estaria correndo de boca em boca, aqui no país tropical? Antes mesmo de sair o gabarito da prova do Enem, quando Simone foi lembrada em uma das questões, a Wikipedia quase pegou fogo. De 250 visitas diárias, em média, que o verbete com o seu nome tinha,

pulou para 35 mil. Isso talvez prove que muitos alunos foram lá para saber quem era essa mulher que caiu no Enem e que todo o País falava. Muitos entraram na Wikipedia, um território mais ou menos livre da internet, para alterar o verbete, dar pitacos, deixar sua marca. Um navegante alterou o verbete para dizer que ela havia escrito um “livro de estupro”, enquanto outro escreveu que ela era uma “antifeminista”. Teve gente que escreveu que ela era “muito conhecida por seu comodismo e pela luta na Justiça por uma lei que proibia

o trabalho das mulheres fora de casa”. E não ficou por aí. A Wikipedia made in Brasil, alterada, informou que, no passado, Madame Beauvoir teria colaborado com a ocupação nazista da França na Segunda Guerra Mundial e que ela teria feito campanha pela “legalização da pedofilia”. Enquanto isso, na Wikipedia, em inglês, Simone Lucie Ernestine Bertrand de Beauvoir continuava sendo a boa Simone de Beauvoir, escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.



É do Peru!

Bem no meio de agosto, o jornal *O Estado de S. Paulo*, o *Estadão*, publicou uma matéria em seu portal, cujo título era “Para Entender”. O jornal queria que seus leitores entendessem a crise dos imigrantes na Europa, circulando sem destino pra lá e pra cá. Como um mapa sempre ajuda a compreender melhor – aquela coisa de “entendeu ou quer que desenhem?” – o jornal ilustrou a matéria com um mapa, mostrando que país é este, que país é aquele. Ninguém sabe se o jornal se baseou num mapa

em inglês e confiou ao Google a tradução – aquele que, segundo a lenda, traduz George Bush como se fosse o Jorge Ramallete –, mas a verdade é que quem traduziu não teve dúvidas: a Turquia, Turkey em inglês, virou simplesmente Peru. Como os navegantes das redes sociais são implacáveis e não perdoam, o mapa mostrando o Peru fazendo fronteira com a Bulgária correu mundo. O jornal desculpou-se, mas teve gente no Facebook que escreveu: “Nunca vi um Peru ir tão longe”.

É FOGO!

Poucos hoje se lembram das simonetas. No auge da crise do petróleo, nos anos 1970, o então ministro Mário Henrique Simonsen teve uma ideia. Criar uma caderneta de consumo de combustível, que foi logo apelidada de simoneta. Mas, antes mesmo de ela entrar em vigor, depois de tantos protestos, ele desistiu da ideia. E as simonetas, já impressas, foram parar no lixo. Esse vaivém, aquela famosa expressão *dura lex, sed latex* não é de hoje. Quem não se lembra dos kits de primeiros socorros que passaram a ser obrigatórios em todos os automóveis? Depois que todo mundo comprou, a lei caiu. E os sacos plásticos nos supermercados? Em São Paulo, a lei já foi e voltou várias vezes. Este ano, a polêmica foi em torno do extintor de incêndio. Alguém teve a ideia de trocar o extintor BC pelo ABC, mais caro e não carregável. A chiadeira foi tamanha que foram adiando a data-limite para a troca até que um dia surgiu a ideia de acabar de uma vez com ele em carros particulares. Quem chegou a trocar o extintor BC pelo ABC ficou no prejuízo, mas aprendeu que no país de Stanislaw Ponte Preta o beabá é outro.





O falso Baiano

No meio jornalístico, a notícia foi muito comentada. O jornalista Lauro Jardim estava deixando a seção Radar da revista *Veja* para transferir-se para o jornal *O Globo*, onde seria colunista. Lauro realmente saiu da *Veja* e virou o seu radar para o jornal dos Marinho. *O Globo*, animado com a aquisição, uma semana antes começou o esquentar, anunciando para os leitores que Jardim agora era do *Globo* e que faria, no dia 11 de outubro, uma estreia triunfal. Lauro guardou a sete chaves um segredo para a estreia, que só ele tinha. Quando o sol raiou na Cidade Maravilhosa naquele 11 de outubro, o jornal *O Globo* estava nas bancas com a manchete bombástica e em letras garrafais produzida pelo estreante: “Baiano diz que pagou contas do filho de Lula”. Na manhã seguinte, com os olhos

brilhando, os editores dos principais jornais do País repercutiram a bomba de Jardim. Sete dias depois, em 18 de outubro, os leitores do *Globo*, os mesmos que esfregaram o jornal com a manchete na cara de muitos petistas, tiveram de engolir em seco. Na primeira página do jornal, uma nota cujo título era “O Globo errou”, dizia que Lulinha não foi citado na delação premiada de Fernando Baiano, conforme noticiara Lauro Jardim em sua estreia triunfante. E pediu desculpas a Fábio Luís, a Lula e aos familiares pelo erro. Os jornais, que caíram no conto do vigário, fizeram tímidas reparações em doses homeopáticas, nos dias que se seguiram. *O Estadão* foi de nota de esclarecimento, enquanto a *Folha* publicou o engano na mais famosa coluna do jornal, a Erramos.



VOU DE PORSCHE!

Quando a vida do milionário e empresário Eike Batista começou a mudar do vinho para a água, no início do ano, ele viu com seus próprios olhos, seus bens indo embora. Entre outras coisas, quilos de dólares, a réplica de um ovo Fabergé que muitos acreditavam valer um Maracanã, vários carros, entre eles uma Lamborghini Aventador LP700-4, modelo 2014, aquela que enfeitava sua sala, e um Porsche Cayenne. Tudo isso e muito mais foi bloqueado por decisão do então titular da Terceira Vara Criminal Federal do Rio, Flávio Roberto de Souza. Segundo despacho do juiz, os carros deveriam ficar no pátio da própria delegacia até serem leiloados. Mas, quando Fábio Roberto viu aquele Porsche Cayenne branquinho, tinindo de novo, não pensou duas vezes. Foi dar um rolê com o carro de Eike, viver seus 15 minutos de milionário. Ele não contava que um fotógrafo do jornal carioca *Extra* estava de olho nele e flagrou o juiz, de boa, circulando pelas ruas da Cidade Maravilhosa, todo serelepe. Aí foi à casa de Flávio Roberto, que caiu. Ao receber o telefonema de um repórter do *Extra*, o juiz disse simplesmente: “Não posso atender porque estou em reunião”. Tarde demais. Dias depois, foi afastado do caso e aposentado compulsoriamente. Não se sabe se ele voltou para casa a pé ou de coletivo.

**Alberto Villas é jornalista, colunista do site de CartaCapital e autor de Mil Tons – O meu Millôr, a ser publicado em 2016 pela e-galáxia*